

# O ESPECTRO

NUMERO 42 — II ANNO — 1889

AO REI

—\*(200/200)\*—

SEMANARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes..... 260

PROVINCIAS

6 mezes..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20.



SENHOR:

Quando os protestos de indignação contra o actual governo se levantam de todos os lados do paiz, quando do proprio seio da representação nacional se reage contra as prepotencias do governo, como aconteceu nas duas ultimas sessões parlamentares, não é conveniente, Senhor, para segurança da monarchia de que vós sois o chefe, que continueis a dar o **vosso apoio** a esse **miseravel governo**, que jurou arruinar o paiz e desacreditar-nos no conceito do povo.

Urge **Senhor** e quanto antes **livrar** o paiz de **ministros corruptos, devassos, ladrões e traidores á Patria**, se quereis que esse grande poder que se chama **povo**, que essa grande collectividade que se sacrifica para vos dar a força, que tanto necessitae, se não **revolte** contra tanto **desvergonhamento** dos vossos ministros, e da falta de inergia da vossa parte, que antes **quereis** que o paiz se **arruine** com a administração prejudicial dos vossos validos, que elle se torne grande, como grande deve ser a nação que feitos tão gloriosos teve no passado.

Reparae **Senhor**, que a **corja** que vos assaltou os conselhos da corôa, jurou **engulir o sceptro** que vós empunhaes com a altivez de um rei que não deve ser **timido** como **vós**, mas **inergico** como foram os vossos antepassados, que nos momentos de perigo se punham do **LADO DO SEU VALOROSO POVO**, e nunca dos maus conselheiros, que só desejam que os **REIS BAQUEIEM** sob os **PESOS TREMENDOS** das suas enormes **RESPONSABILIDADES**.

A **CAMARILHA** que vos rodeia, **SENHOR**, está a perder o prestigio que vós tinheis no paiz, e quem sabe se ella não está concorrendo para vos **DESPENHAR** n'um **GRANDE ABYSMO!!!**

Os mais **revoltantes crimes** teem sido praticados p'los vossos ministros, em prejuizo do povo.

Os **maiores attentados** teem sido praticados na pessoa do povo indefezo.

Os **maiores vexatorios impostos** teem sido lançados sobre os **generos de primeira necessidade**.

As mais **escandalosas concessões** teem sido feitas aos syndicatos, que se teem formado, para **burlar indignamente** o paiz.

As **representações** que vos teem sido feitas pelas classes mais importantes do paiz, não teem sido **attendidas** por **vós**.

Os vossos ministros servem-se da vossa



**chancella**, para commetterem toda a série de crimes.

E VÓS SENHOR consentis em todos esses desmandos com receio que elles VOMITEM sobre o vosso manto real os IMPROPERIOS ACANALHADOS, com que em tempo se serviram, para nos desauthorisar perante o paiz.

SENHOR, quando um paiz está no EMINENTE PERIGO de desaparecer na VORAGEM dos mais repugnantes DELICTOS, praticados por homens, que n'outra nação teriam sido CONDEMNADOS A TRABALHOS FORÇADOS e classificados como sendo os maiores SCELERADOS; não é conveniente que o seu soberano proteja inimigos com receio que a sua reputação seja prejudicada com os INSULTOS dos patifes, nem se importando que o paiz soffra os horrores de uma revolução, que fatalmente hade ser fatal para ALGUEM, que se não quer pôr do lado do povo que trabalha, do povo que se sacrifica pelo bem estar da Patria.

SENHOR:

Esse governo a quem vós confiastes os destinos do paiz, tenciona PROPOR-NOS A DISSOLUÇÃO DAS CORTES, para em DICTADURA COMMITTER OS MAIS REVOLTANTES ABUSOS.

Tome cuidado **Senhor no passo errado** que esses miseraveis nos querem obrigar a dar, no estado de exaltação em que se acha o paiz.

Nas horripaveis circumstancias em que o povo está, **fechar-se-lhe** o santuario das leis, aonde os seus representantes podem levantar a sua voz auctorizada e potente, para **verberar** as irregularidades dos seus ministros, e opporem-se a que elles pratiquem **mais indignidades**, seria **demasiado arrojo** da vossa parte, ou **grande cegueira**, em ainda acreditardes nas palavras d'esses Judas, que juraram fazer **baquear o vosso throno**.

O paiz não pôde continuar á mercê dos desvarios dos vossos conselheiros, e quer que o **Rei de Portugal** não faça causa commum com os seus inimigos, e que trate quanto antes de fazer entrar na administração do paiz, homens que pelo seu elevado criterio, intelligencia e honestidade, estejam nos casos de fazer entrar Portugal n'uma época de grande prosperidade.

O *Espectro* espera que o Rei de Portugal cumpra com o seu dever.

E nada mais.

## O Porto

O governo fica. Dil-o o presidente do conselho irado e não facundo.

Pode o Porto fechar todas as portas dos seus estabelecimentos commerciaes, que o sr. José Luciano não sae.

Pode a cidade illustre hastear a meio pau a bandeira nacional em signal de luto, que tanto lhe importa o governo essa bandeira como o luto do Porto.

A sellagem é um imposto vexatorio e até repugnante aos nossos habitos commerciaes?

A companhia vinicola é um attentado aos justos

interesses do commercio, exportador do primeiro artigo da nossa riqueza agricola?

A grande auctoridade do Porto, aquella força que a nobre cidade achou sempre na laboriosa actividade dos seus habitantes, está a pique de desaparecer?

Que se importa o governo com frioleiras?

«E' preciso dar uma lição ao Porto, diz repetidas vezes o sr. ministro da fazenda; é preciso fazel-o entrar por uma vez no conhecimento dos seus deveres.

Tudo tem o seu occaso.

Até aqui o Porto impunha a lei. Era e norte que governava o paiz. Justo é que o sul faça valer os seus direitos.

O Porto abusava da sua supremacia, governava de mais.

A reacção impõe-se como uma lei: hoje será governado.

E' esta a theoria do sr. Marianno.

Pois é um erro. Creia o sr. ministro da fazenda que erra mais uma vez. Diante da theoria e diante dos factos.

Nem o Porto governava no sentido **exclusivista** que lhe attribuem os inimigos da illustre cidade, á frente dos quaes sobreesa como sempre o sr. Marianno, que até os accusou de roubar pentes e escovas; nem o Porto se **deixará governar**, no sentido vergonhoso e degradante, que o governo attribue a esta expressão.

Lisboa deixou-se perder completamente a auctoridade, se alguma tinha. O desenfreamento das paixões, o prurido do luxo, o culto das apparencias, enfraqueceram-lhe todos os brios, amolleceram-lhe quasi todos os sentimentos nobres.

Estamos no reinado das mediocridades. Como só impera o dinheiro, quem não é rico não vale nada. Se a riqueza fosse sempre o fructo do trabalho honrado, accetavel seria até certo ponto o seu imperio, pois não repugnaria á força, á auctoridade, á intelligencia, ao merito proprio.

Mas quantas vezes vemos nós esta sociedade podre, desbarretar-se até ao chão, humilde e ascorosa, ante a filaucia, e o desdem dos **grandes ladrões?**

Pensam que aqui, por ser a capital, pulsa mais forte a vida do paiz?

Manifesto engano. A vida não é o vicio nem a fraqueza.

Se tirassem os *ouropéis* que trazem offuscada a vista fraca de tantos admiradores do presente, se assoprassem, mais por cima das almas flacidas, do que por sobre as caras desbotadas, o pó de *creme* e o *carmim*, com que cada um procura illudir o seu visinho; se deitassem abaixo as mascaradas, que todos julgam do bom tom afivelar ao resto mais encasquilhado por dentro do que por fóra; ai! de nós! que seriamos como os sepulchros de que falla o Evangelho: *brancos por fora; vermes e podridão por dentro*.

Por isso **nenhum abuso** se arreceia de Lisboa:

Nenhum attentado mette medo aos governos:

Nenhum ministro deixa de praticar o escandalo, por temer que a indignação sobresalte a consciencia dos 300 mil habitantes d'esta desventurada Lisboa, gelada pelo frio do **indifferentismo**, que é um symptoma cadaverico nos povos fracos e envelhecidos.

As paixões nobres, que enchem o coração e



exalçavam os brios da geração que nos precedeu quasi cairam no ridiculo.

Em seu logar sabeis o que ficou?

**Um egoismo feroz.** E' o unico sentimento que agita esta geração anemica, que para ahi vegeta a comer e a apodrecer.

Restava ainda uma pequenina esperança. Era o Porto; era o **nosso norte**, cuja vida tanto se distancia d'este lodaçal em que agonisa o sul.

Não é só lei geral da civilisação, é tambem particular de quasi todos os povos.

Do sul veio outr'ora a corrente civilisadora; mas quem ignora que do norte desceo o sangue vigoroso de raças cheias de vida e de força; impulsionadas pela nobre aspiração da liberdade e da independencia?

E cada povo tem o seu norte.

Por isso somos partidarios do Porto:

Por isso achamos erronea a theoria de sr. ministro da fazenda:

Por isso sentimos como affronta propria a humilhação que o governo quer infligir á illustre cidade, com o pretexto de salvar o principio de autoridade, que nunca desceo tão baixo.

**Mas não.** O Porto não se humilhará. O Porto não consentirá, que a **auctoridade**, que o paiz por assim dizer lhe consente, para decidir da sorte dos governos maos, seja arrastado e enlameado pelo mais **despresivel governo, abjecto e devasso**, como nunca se vio em Portugal.

Quando as difficuldades chegam ao ponto a que as levou a filauçia, a inepecia e o favoritismo do governo, não ha'ssenão uma solução: a demissão immediata.

A'manhã póde ser tarde.

O governo illude-se se julga que pode dar-nos ao vivo o espectáculo do sendeiro e do leão decrepito.

Mercê de Deus, o Porto ainda viverá para a historia, e para a patria.

**Abaixo o governo!**

**Abaixo os maltrapilhos que roubam o paiz!**

**Abaixo os traidores que infamamente arruinam o paiz!**

## As chantagens das "Novidades" e um ladrão de 500\$000 réis

Em primeiro logar declaramos aos nossos leitores, que antes de escrevermos este artigo nos desinfectámos com chloreto de cal, por causa dos **miasmas pestilentos**, que exhalam os **gatunos da imprensa**, que escrevem no **immundo jornaleco de chantage**, a quem o sr. ministro das obras publicas deu o titulo de *Novidades*.

El posto isto passamos a castigar a forma **infame** com que a redacção d'aquelle papel entende tratar as questões, que só aos tribunaes compete apreciar e devassar os factos da vida, dos que se consideram criminosos.

Aquella **indecentissima redacção**, desconhecendo completamente o fim para

que se fundou esta sublime instituição que se chama Imprensa, repudiando dia a dia os nobres exemplos que vê nos jornaes, que se afastam das **reportagens acanalhadas**, que só servem para trazer a deshonra e o opprobrio ao seio das familias, e de desmoralisação para o povo, trata apenas de fazer a descripção dos crimes com as peripecias mais **obscenas**, e que se podem considerar como um perigo para as jovens que lêem tão **immoralissimas** descripções, que apenas revellam da parte dos **patifes** que as escrevem, um meio de especular com o publico.

Mas que valor tem para esses **malandrins** que se escudam com a respeitabilidade do nome de jornalistas, que as jovens correm, que as suas proprias filhas se desmoralizem, que ellas queiram devassar os mysterios reservados á innocencia, se urge que elles se tornem **celebres pelo escandalo**, e pela **infamia**?

Noticiaram os jornaes umas faltas commettidas por um ecclesiastico, thesoureiro menor da Sé.

A imprensa séria informou os seus leitores e aguarda que os tribunaes pronunciem o seu veridictum, castigando o padre se elle fôr criminoso.

Mas as *Novidades* que apenas se tem tornado celebres pelas **descripções infames** que tem feito, começando no processo Soriano, em que um dos taes rabiscadores atacou aquelle desgraçado, a troco dos favores que a amante (supposta victima) lhe dispensou. Mais tarde com o escandalo do testamento de D. Fernando, que apenas foi um pretexto para **apanharem** á sr.<sup>a</sup> condessa d'Edla alguns **contos de réis**. E ainda ha pouco em uma noticia falsa sobre a identidade do Conde de Das, e actualmente com a descripção vergonhosa de um crime de infanticidio commettido por uma lavandeira do Asylo de Mendicidade, em que apenas faltou descrever com todas as minuciosidades o contacto da desgraçada mulher com o amante, e que deu em resultado aquelle fructo illicito, dos seus amores. E actualmente com a descripção da vida particular, e portanto sagrada do thesoureiro da Sé, em que se relatam as suas relações **illicitas** com uma **creada, scenas de parteiras** com as competentes **agulhas, beberagens** e mais accessorios que provocam os abortos; raptos, etc., etc.

Em que declaram o nome de uma senhora judia, como amante do thesoureiro, para mais tarde terem que **rectificar** essa **infamia** com um desmentido formal, em vista da attitude energica da tal senhora, que obrigou aquelles *chantageurs* a declararem ser falsa a asserção que fizeram, dando-a como amante do padre.

Em vista d'este tristissimo sudario de **torpezas e villanias**, os nossos leitores nos dirão, se os homens serios, que desejem moralidade em suas casas, pódem consentir que suas filhas leiam as *Novidades*, que só se podem admittir como leitura reservada para homens.

O que as *Novidades* estão fazendo é tão **repugnante, tão vil, tão ascoroso**, que só uma **redacção devassa** como aquella se atreve a proceder de uma forma tão **ignobil**.

E são estes homens sem **honra**, sem **brio** e sem **dignidade** que se atrevem a censurar os actos dos outros, quando elles na sua **vida privada** se alimentam do escan-



dalo, e na sua vida publica do roubo.

E já que a opinião publica se não revolta contra o **jornal indecente**, que tantas **sujidades** publica, e não o obriga a acabar por uma vez com as taes infamissimas noticias, vamos nós obrigar-o a não entrar nas minuciosidades mais particulares da vida privada de cada um, sob pena de nós declararmos aqui o **nome do ladrão** que **roubou** uns **500\$000 réis** da gaveta d'uma meza d'aquella redacção, no tempo em que os srs. Ribeiro da Cunha e Ferreira d'Almeida ainda eram proprietarios d'aquelle jornal.

E mais nada.

## Um roubo

Foi **roubada** a recebedoria da receita eventual. O **ladrão** apanhou apenas uns 800 e tantos mil réis. Segundo dizem as gazetas, o homem tinha posto o lusio, como dizia d'antes o sr. Marianno no seu significativo calão, n'uns 10 contos de réis, mas não lhe chegando o tempo para metter toda aquella bagalhoça na algibeira, deixou a coisa para outra vez, e foi-se a uma caixinha, onde sabia que havia uns miseros 800 e tantos mil réis, e com isso se contentou por agora.

Como foi feito o roubo? Segundo se deprehende das gazetas de uma maneira simplicissima:

O ladrão foi á repartição onde fica a chave, pendurada provavelmente no primeiro prego que o moço encontra a geito, tirou-a **muito socegradamente**, abriu a porta e foi lá pol-a muito **socegradamente**.

Voltou depois, entrou e deixou-se lá estar o tempo que quiz e poz-se a trabalhar muito **socegradamente**.

Apanhou os 800 mil réis, mettem-os na algibeira e foi para casa muito **socegradamente**: e muito socegradamente os hade comer na santa paz do Senhor e da ladroeira em que tudo isto caminha.

O que admira é que não haja todos os dias d'estes espectaculos, attenta a **criminosa incuria** e **abandono** a que tudo chegou.

Isto é um paiz **mettido a saque**.  
Nem mais nem menos.

## Escandalos e roubos

O sr. ministro das obras publicas acaba de nomear um 1.º official da penitenciaria para o lugar de inspector do governo no caminho de ferro de Lisboa á Figueira.

Este ditoso inspector não perdeu todavia o lugar de 1.º official, de fórma, que occupa, contra a lettra da carta dois empregos publicos!

O escandalo d'esta nomeação prejudicou egualmente interesses de terceiro, porque o nomeado saltou por cima dos sub-chefes.

O sr. ministro das obras publicas não é pes-

soa que se prenda com as insignificantes ninharias do direito da lei, ou da moralidade. Havia um amigo que 'covinha contentar? contenta-se. E' preciso uma **grande maroteira**, uma **patifaria** de encher o olho? Pratica-se: qual é a duvida?

Para isto é que esta **sucia de tratantes** está no poder!

A lei é um escarneo. A vontade prepotente d'esta **canalha** é a unica regra dos seus actos. Nada os detem. Nem o dever nem a honra. Não ha **patifaria** a que senão abalancem, com tanto que arranjem mais uma dedicação, ou consolidem uma amisade, prestes a abandonal-os.

—A feira está aberta. E' pedir por bocca. Querem dinheiro? Querem logares? Dois ou tres empregos? Tudo ás ordens. O povo ainda tem braços para trabalhar.

—E' verdade. Mas cuidado, não se lembre elle um dia, que os braços que trabalham, tambem podem **pegar n'um fueiro** e pôr os **ossos n'um feixe aos ladrões**, que fazem dos bens do paiz **roupa de francezes**.

## Um leader da maioria

O maior *successo* da semana passada foi o discurso do sr. Eduardo de Abreu, deputado progressista dos mais considerados na opinião d'este **infamissimo governo**.

Em qualquer outro paiz, o governo teria cahido n'aquelle mesmo dia. Em Portugal, onde tudo se está fazendo ao inverso do bom senso, do direito e da justiça, o governo declara, depois de tão monumental escandalo, que se sente mais forte do que d'antes!

**É espantoso.**

O governo sente-se mais forte porque o deputado da sua maioria, a quem elle mandara romper o fogo contra a opposição e contra o Porto, tão bem se houve, que declaron estar habilitado a fazer uma revolução n'aquella cidade, se tivesse 100 pipas de vinho á sua disposição!

Tão bem se houve que comparou o Porto a uma *sansala* de pretos, e o commercio portuense a ferradores de camellos!

Tão bem se houve, que escarnecen a veneranda reliquia do rei soldado, de que o Porto justamente se orgulha, e mandou-lhe rasgar a bandeira nacional, symbolo das suas glorias!

O effeito foi superior á espectativa do governo? Não, porque elle sabia perfeitamente o que tinha combinado com aquelle deputado. E tão bem combinado estava tudo, que a maioria não cessou de apoiar calorosamente a série de heresias, que o deputado vomitou contra o Porto.

Se a **covardia** os levou a engeitar a responsabilidade que lhe cabe inteira, é tudo comedia, que não illude ninguem, e muito menos o Porto, que conhece perfeitamente os **sentimentos canalhas d'esta sucia de malandros**.